



T3C04

PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO COMO MEIO DE RESGATE E/OU NEGAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O PARADOXO DA CIDADE DE CHAPECÓ/SC

Ana Laura Vianna Villela, Ms
– UNOCHAPECO –
avillela@unochapeco.edu.br

Resumo

A cidade de Chapecó se formou a partir das paradas de tropeiros que faziam o trajeto entre São Paulo e Rio Grande do Sul, comercializando gado. Em seus primórdios o município possuía a sua base econômica na silvicultura. Deste período tem-se a forte presença das construções em madeira na constituição da paisagem da cidade. Com o tempo e a partir das primeiras iniciativas empresariais vinculadas ao comércio dos produtos agrícolas e de origem animal e posteriormente à atividade agroindustrial inicia-se o ciclo das construções em alvenaria, também claramente significativa. Assim com a efetiva ocupação do território os índios e cablocos foram sendo “substituídos” pelos descendentes de italianos que, no início do século XX, começaram a deslocar-se para a região oeste de Santa Catarina e em especial para Chapecó. Além desses, que

constituem a grande maioria, existem também descendentes de alemães e poloneses, ou seja, instala-se definitivamente a cultura eurocentrista. Todas essas etnias de uma maneira ou de outra imprimiram, e ainda registram, na paisagem do oeste catarinense o seu jeito de construir, viver, enfim, a sua visão de cidade, seu “estilo” de produzir o espaço. A partir desse contexto é que este trabalho entende importante a realização da análise crítica do núcleo central da cidade de Chapecó, por ser este o território de origem do assentamento, visando à identificação, caracterização e registro da arquitetura de cunho patrimonial para a cultura do município, bem como vincular estes aos aspectos sócio-culturais de cada período, por meio da análise de dados tanto bibliográficos quanto fotográficos e gráficos. A partir disso objetiva-se apontar a identidade da produção arquitetônica de Chapecó e criar um



suporte técnico-teórico para futuras intervenções na área, entendendo-se que a análise destes dados conduz a observação de que, apesar de todo o potencial de crescimento e desenvolvimento que apresenta o município, atualmente, quase não se percebe e/ou reconhece a sua identidade cultural, principalmente no que tange ao patrimônio edificado, o que evidencia a importância e necessidade de resgatar a veia condutora da sua identidade cultural, um dos pontos fundamentais para resguardar os suportes da memória desta população. A partir disso, vê-se possível à busca de soluções de salvaguarda e resguardo deste patrimônio, pois o tempo e o conhecimento permitem que os homens se organizem e construam seus espaços e histórias de acordo com seus interesses e necessidades e é isso que se buscou compreender na paisagem da cidade de Chapecó-SC.

INTRODUÇÃO

Até o primeiro quarto do século XX, o Extremo Oeste de Santa Catarina era um imenso vazio demográfico. A avalanche de imigrantes italianos, na esteira de alemães e outras etnias européias, que invadiram a faixa litorânea do Estado, assim como o litoral e a serra do Rio Grande do Sul e São Paulo, a partir de 1870-75, não chegaram ao Oeste Catarinense, que permaneceu impávido, distante, e praticamente, intacto no que tange o processo de colonização, até os meados do século seguinte quando um novo processo se inicia. Neste momento tem-se a migração destas comunidades com o objetivo de formar novas frentes de oportunidades.

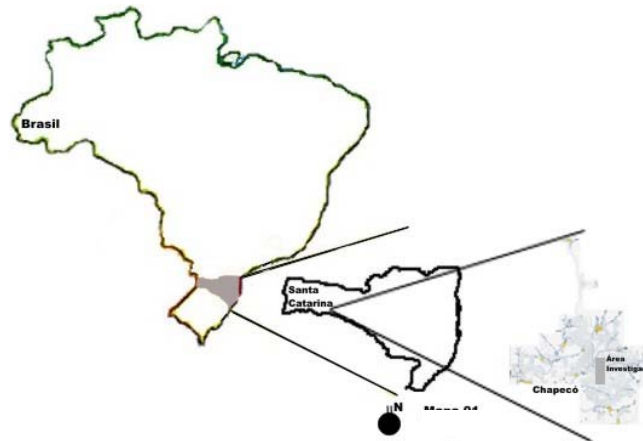


Figura 01: Localização da cidade de Chapecó/sc e da área de estudo.
Fonte: Ana Laura Villela

É necessário entender que até o momento de sua efetiva criação e ocupação, o Oeste de Santa Catarina, inclusive o município de Chapecó (Figura 01), encontrava-se em completo estado de abandono. A paisagem que se destacava era a das matas e de araucária que representavam a prerrogativa de não ter o que acabou sendo o seu maior predador: o “colonizador”. Pois, os habitantes neste momento eram de etnias kaigangs e “caboclos” remanescentes do Conflito do Contestado, entre outros, que se fixaram e praticavam uma cultura de subsistência, não apresentando e/ou causando real dano ambiental, ... à região.

A infra-estrutura era inexistente, não havia vestígios de qualquer traçado preestabelecido. Não havia, portanto uma prévia demarcação organizacional em forma de lotes ou até mesmo a representação do desenho de uma rua, muito menos a presença de estradas ou de equipamentos como comércio, órgão público ou privado. Desta maneira, a terra era simplesmente ocupada pelos moradores à medida que ali iam se instalando.

Naquele momento, também não se tinha a presença da igreja, capela ou qualquer outro vínculo religioso no local. Suas moradas eram bem rudimentares, mas possuíam valor simbólico, uma carga cultural, ao passo que além de servir como abrigo



esta também servia para fortalecer as relações familiares que ao mesmo tempo poderia ser destinada para realização de bailes, o que destaca a importância do convívio social.

Neste contexto a Colonizadora Bertaso inicia o processo de migração dos excedentes humanos, principalmente das velhas colônias gaúchas. Com intuito de praticar a ocupação das terras de Chapecó, buscando atrair os descendentes de europeus oriundos do Rio Grande do Sul para o município.

“A Bertaso trouxe mais de 8.000 famílias do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, sendo as terras vendidas aos colonos com uma entrada de 30% e o restante dividido em duas parcelas semestrais” (CAMPOS, 1987,p.72).

Nas décadas iniciais de formação do núcleo urbano (Figura 02) a questão da falta de infra-estrutura é uma das questões cruciais que marca o modo de vida dos habitantes da região.



Figura 02: Vista da Vila Passo dos Índios.
Fonte: CEOM

Além disso, novas relações vão de construindo através do contato dos colonizadores com os grupos nativos, justamente pela chegada dos migrantes surgem outros modos de vida e começam a ser estabelecidos novos padrões no que se refere à infra-estrutura. Também pelo fato da

colonizadora necessitar instalar um mínimo de condições para que pudesse atrair um número maior de migrantes, começava a se conceber e formatar o núcleo urbano de forma mais organizada.

Analisando o crescimento populacional, e conseqüentemente a



efetiva ocupação do solo do município de Chapecó pode-se resgatar e destacar as 05 funções básicas que o núcleo urbano assumiu na economia desde a sua origem, pois estas desencadearam todo o processo de desenvolvimento e ocupação do solo do território do município, bem como da estrutura urbana. Destas destaca-se:

- Virada século XIX - XX: plantações de erva mate e extração de madeira - basicamente cultura de subsistência;
- Segunda década do século XX: o migrante implanta novo modelo de cultura mercantil - processo de produção de excedentes (fixação da atividade agrícola);
- Quarta/Quinta década do século XX: desenvolvimento e fixação da agroindústria e início dos desmembramentos de terra do município;

- A década de sessenta foi fortemente marcada pelas emancipações;

- Década de 70: chegada de novas atividades, como o estudo superior com a implantação da FUNDESTE (Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste), bem como empresas de transportes de mercadoria, metal mecânico, plásticos, empresas com atividades voltadas para suprir principalmente a demanda aos frigoríficos;

- Década de 90: avanços em algumas novas atividades terciárias bem como comércio e indústria que aos poucos vão se consolidando.

Contudo a produção e construção tanto da arquitetura quanto do espaço urbano da cidade de Chapecó, bem como a sua relação com o território do município como um todo reflete a clara ausência e portanto demanda por uma reflexão e até mesmo aceitação do seu próprio, e



rico, processo de ocupação, sendo esta a nossa preocupação e base para discussão.

O PROCESSO DE OCUPAÇÃO E A IDENTIDADE CULTURAL

Antes de iniciar o resgate e a reflexão do processo de ocupação do território do Município de Chapecó/SC considera-se importante destacar o trabalho desenvolvido por Ítalo Calvino no livro *Cidades Invisíveis*, onde o autor discute, por meio de histórias de bravas conquistas, a cidade como a representação da complexidade da própria essência humana, onde o espaço necessita se subjuguar às necessidades destas, até mesmo, e diria que principalmente, quando se alteram significativamente ao longo do tempo.

Pode-se enfatizar a cidade dos *símbolos*, que utiliza o artifício da repetição para deixar sua “marca” na memória de seus visitantes. A cidade dos *desejos* que se descortina de

diferentes formas para suas diversas possibilidades de chegada. A cidade *memória* que induz o visitante a invejar os que ali habitam. Em fim são tantas composições quanto numerosas são as possibilidades dos desejos humanos. Não é à toa que na atualidade tem-se tão intenso fluxo de deslocamentos dos e para os mais diversos lugares.

O que tudo isso tem haver com Chapecó? Simplesmente é mais uma complexa sociedade tentando achar sua identidade cultural. O grande problema? São os “resíduos” que seus habitantes não gostariam que existissem na sua trajetória. Mas existem, e devem ser contemplados e compreendidos no seu contexto. Este quadro de negação faz com que hoje a população não se sinta apropriada de toda a sua história, seu passado.

Toma-se como início desta trajetória a virada do século XIX para o XX, onde se tem o processo produtivo baseado nas plantações de erva mate, extração de madeira e basicamente na cultura de subsistência. Este é o período considerado como de efetiva

consolidação e ocupação deste território.

Ponto importante a destacar é o primeiro traçado desenhado para a cidade na década de 30 (Figura 03), pois ele auxilia numa primeira identificação e definição do núcleo

histórico e cultural da cidade, que compreende: as ruas Fernando Machado e Nereu Ramos no sentido Oeste-leste e as ruas Quintino Bocaiúva e Uruguai no sentido Norte-Sul (Figura 04).

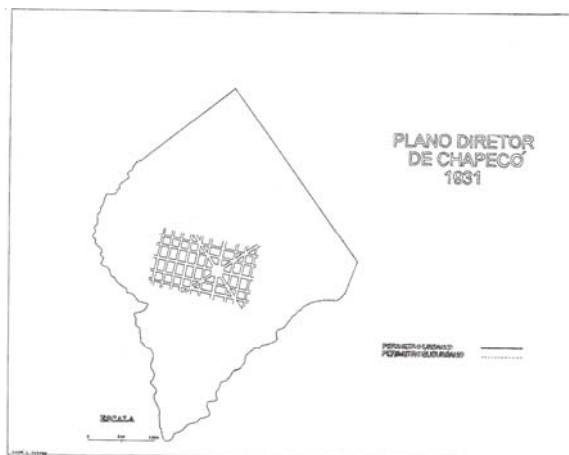


Figura 03: Mapa de Chapecó. Início da década de 30

Fonte: HERMES, 2003, p. 13.

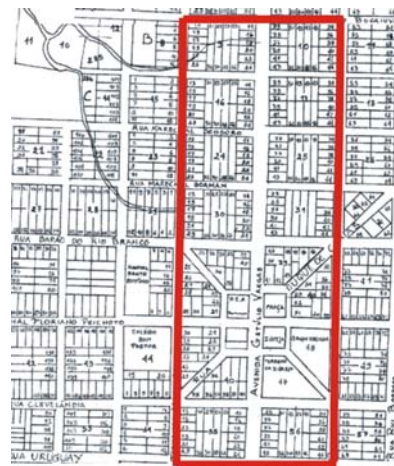


Figura 04: núcleo histórico e cultural

Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó.

Posto isso, chega-se na importância da arquitetura dos chalés, tanto para a cidade de Chapecó quanto para a região como um todo, vista a sua marcante presença na paisagem da cidade nas suas primeiras décadas.

A abundância de madeira na região pode ser o ponto primordial da produção dos chalés em Chapecó

(Figuras 05 e 06). Isso aliado à tecnologia construtiva dos imigrantes que aqui tornam razoável, viável e lógica esta fase da arquitetura chapecoense. A partir disso pode-se dizer que esta se caracteriza, pelo menos num primeiro momento, pela presença de varanda, telhado de duas águas e implantação de ocupação livre no lote.



Figura 05: Chapecó/SC (origem colonização)
Fonte: acervo CEOM



Figura 06: arquitetura chalé remanescente em Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira

A partir da leitura dos remanescentes que ainda podem ser encontrados na cidade (Figuras 07 e 08) nota-se que a arquitetura de madeira ainda resistiu as primeiras inserções da alvenaria enquanto técnica construtiva, onde formavam um

pat mostram que os telhados foram ganhando complexidade para quatro ou mais águas e que a varanda continuou como importante característica de elemento de composição.



Figura 07: arquitetura mista de Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira



Figura 08: arquitetura mista de Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira

Desta o que pode ser dito é que sua tipologia possuía planta retangular, janelas e porta principal

frontal e lateral, telhado com duas ou quatro águas, ou com corpo frontal avançado, colado a uma varanda



frente – lateral; ou com a varanda frontal. Assim, sucintamente, caracteriza-se a arquitetura de Chalé da região de Chapecó.

Na segunda década do século XX tem-se a produção baseada no modelo trazido pelo migrante, que introduz a cultura mercantil - processo de produção de excedentes (fixação da atividade agrícola). Até aqui os registros tanto populacionais quanto de definição do município ainda eram muito incipientes e, portanto, difícil de analisar.

Já na quarta/quinta década do século XX tem-se o desenvolvimento e fixação da agroindústria e início dos desmembramentos de terra do município. Até a década de 40 o maior número populacional atingido foi de 4.128 habitantes. A década de 50 foi marcada por pontos negativos, como o episódio da chacina (maiores detalhes ver HASS, 2003), e positivos, como a implantação do primeiro frigorífico,

possibilitando o registro de 9.736 habitantes, somente no núcleo urbano. Assim aos pouco as características da região vão se alterando para outro importante período: o das construções de alvenaria.

Resgatando o trabalho de HERMES (2003) tem-se que já na década de 40 pode-se notar a presença de diversas olarias próximas ao núcleo urbano. Isso auxiliou a composição/renovação de boa parte da arquitetura produzida até então, estando esta muito vinculada ao que se conhece como Art Deco.

Neste período a cidade elevou um pouco o gabarito das suas edificações e adensou a ocupação do solo, sendo esta fase muito significativa e representativa para a cidade, do qual tem-se o registro de um “conjunto arquitetônico” representativo e significativo deste período, que perdurou “intacto” até mais ou menos a década de 70 (Figura 09 e 10).



Figura 09: Vista da avenida de Chapecó, mais ou menos década de 50.
Fonte: acervo CEOM



Figura 10: Chapecó em outubro de 1967.
Retrata o centro do município, feita por Alfonso Carlotto, com recursos da Foto Lumière; com o propósito da montagem do álbum alusivo à passagem do cinquentenário do município de Chapecó.
Fonte: acervo CEOM

Com isso Chapecó rompe com o pouco da cultura local que ainda permanecia vinculada às técnicas construtivas, hábitos,... de sua origem e assume definitivamente a cultura européia como o aporte de referência para a sua produção arquitetônica.

Do que se pode ainda identificar deste período pode-se dizer que este produto da cultura ocidental na cidade de Chapecó se adaptou a uma explosão de desenvolvimento urbano e do início das edificações em alvenaria. Porém, observa-se a existência de uma mescla arquitetônica que revela materiais e ornamentos que se misturam numa mesma obra, tanto aspectos que aludem à modernidade quanto à tradição.

No intuito de situar a origem deste fenômeno, destaca-se o conceito de arquitetura vernacular, ou seja, produção resultante dos modos de fazer da comunidade local, que a partir do estilo, no caso Art Deco, reproduz esta linguagem a sua própria maneira, conciliando valores às vezes considerados díspares. Assim se destaca elementos do tipo platibanda com telhado quatro águas, aparente, fachadas com marcação de cheios e vazios da arquitetura dos Chalés, mas fortemente marcadas pela platibanda escalonada em alvenaria, entre outras (Figura 11 e 12).



Figura 11: arquitetura Deco remanescente em Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira



Figura 12: arquitetura Deco remanescente em Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira

A década de sessenta apresenta-se fortemente marcada pelas emancipações, mas que em termos populacionais do núcleo urbano pouco alterou. Os reflexos mais significativos foram nos números da população rural que praticamente caiu pela metade.

A partir daí a cidade começa um acelerado processo de crescimento, o qual parece ter afetado diretamente na produção arquitetônica de Chapecó, pois esta não demonstra mais nenhum conjunto estilístico significativo.

A década de 70 é marcada pela chegada de novas atividades, como o estudo superior com a implantação da Fundeste, bem como empresas de transportes de mercadoria, metal mecânico, plásticos,

empresas com atividades voltadas para suprir principalmente a demanda aos frigoríficos. Neste momento Chapecó possuía uma população de 20.591 habitantes e iniciava o seu processo de consolidação do núcleo urbano, tanto que na década de oitenta já contava com uma população de 55.286 habitantes.

Quando a produção chapecoense entra no período da modernidade parece que esta nova proposta conquista um certo público dentro do espaço urbano, mas o que não consegue é constituir uma paisagem única, como o Art Deco na década de 60 e os chalés na sua origem, destacando-se as linhas retas e puras características do período (Figura 13 e 14).



Figura 13: arquitetura Moderna remanescente em Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira



Figura 14: arquitetura Moderna remanescente em Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira

Na década de 90 Chapecó apresenta avanços em algumas novas atividades terciárias bem como comércio e indústria que aos poucos vão se consolidando. O núcleo urbano, neste momento, já conta com uma expressiva ocupação do território urbano e uma população de 96.751 habitantes em 1991 e de 119.578 em 1998.

A contemporaneidade trouxe consigo a era da informação que entre as usas principais características pode-se destacar a agilidade/velocidade, a

simultaneidade, a pluralidade e uma relativa falta de hierarquia e ordem, que fazem com que as fontes de pesquisa, bem como as informações e os estilos em si sejam extremamente diversos, esparsos e até mesmo voláteis, sendo algumas vezes aleatório. Esse contexto parece estar estabelecendo limites pouco definidos e de pouca identidade para o que se poderia chamar de produção arquitetônica (Figura 15 e 16).



Figura 15: arquitetura Contemporânea em Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira



Figura 16: arquitetura Contemporânea em Chapecó (2004)
Fonte: Naiana Bandeira

Atualmente o núcleo urbano da cidade de Chapecó conta com uma população em torno de 134.592 habitantes (censo IBGE 2000) e uma área urbana de 89,936 Km². O poder público, a partir de algumas simulações da taxa de crescimento do município lançou uma previsão, que se consolidada, elevará a população para aproximadamente 257.313 habitantes em 2020, o que corresponderia um acréscimo significativo em torno de cem mil pessoas. Isso não é uma particularidade de Chapecó, pois como salienta Kluwe (2002, p.173)

A crise na qual estamos mergulhados reflete-se no desenho e no planejamento de nossas cidades que reproduzem os modelos ultrapassados do paradigma mecanicista gerando mais fragmentação social, rupturas culturais e degradação ambiental, em detrimento da justiça social, da

valorização cultural e de um meio ambiente sadio.

Cientes dos dados e na tentativa de minimizar os efeitos da ocupação e consolidação tanto do núcleo urbano quanto do município como um todo a Prefeitura Municipal de Chapecó revisou as diretrizes de desenvolvimento e crescimento do seu território. Com bases no Estatuto da Cidade, Lei Federal 10.256, aprovou em janeiro de 2004, o documento que reflete o processo de busca, por meio da participação popular de toda os segmentos da sociedade, as soluções para ordenar o processo de ocupação, crescimento e desenvolvimento da cidade nos próximos anos, inclusive as ações referentes a seu patrimônio cultural.

Atualmente, o que se pode observar é que a cidade caiu no limbo



complexo da produção contemporânea, pois é extremamente difícil traçar ou identificar o perfil dos seus principais elementos e/ou diferenciá-los do que está sendo realizado em outras regiões e esta é a grande preocupação: alertar para a falta de identidade da produção local, bem como do descaso das suas representações passadas mais significativas.

Parece que este quadro possui raízes profundas dentro da memória dos moradores que aqui chegaram e que foram passadas para as novas gerações. Fatos negativamente importantes como a total falta de infraestrutura do local nos primórdios e o episódio da chacina parece auxiliar na negação da produção vinculada a este período, ou seja, renova-se as edificações em madeira como que uma tentativa de apagar este passado. A seqüência não foi facilitada nem com a chegada das indústrias, pois a região continuava sendo encarada como hostil, portanto as primeiras edificações em alvenaria também não “merecem” permanecer na paisagem da cidade.

Por fim, pensamento e iniciativas tão cruciais quanto as anteriores, é a da comunidade considerar este um território novo, “afinal só tem 80 anos”, e portanto, sem memória e passado a ser resguardado, ou melhor, não desejável de ser lembrado. Isso faz com que a desenfreada busca por novas tecnologias e imagem de desenvolvimento regam as atuais necessidades da comunidade chapecoense, o que leva a uma enfática negação do que se foi até o momento, comprometendo com isso também o futuro da identidade do local.

Entende-se que este processo está fortemente vinculado ao acelerado, e contínuo, crescimento do núcleo urbano, bem como do processo de migração que parece ainda não ter cessado, apenas perdido um pouco de intensidade, bem como estar seguindo uma tendência atual de globalização, o que está acarretando na total perda da identidade dos mais variados e distintos lugares, inclusive de Chapecó/SC.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise realizada pode-se destacar a importância da arquitetura dos chalés, sendo esta a arquitetura da paisagem local nas primeiras décadas do século XX. Posteriormente observa-se uma grande renovação do estilo produzido, passando para as construções de alvenaria, estando estas muito vinculadas ao que se conhece como Estilo Art Deco. Neste período a cidade elevou um pouco o gabarito das suas edificações e adensou a ocupação do solo, sendo esta fase muito significativa e representativa para a caracterização do núcleo urbano, perdurando “íntacto” até mais ou menos a década de 70. Após a década de 80 não se consegue identificar mais nenhum período de significativa representatividade.

Hoje se pode constatar que o efetivo crescimento e desenvolvimento do núcleo ocorreu de forma mais acelerada, basicamente, nos últimos trinta anos e que a cidade se encontra em uma posição privilegiada dentro da região, sendo o centro econômico e de

referência das demais cidades do oeste catarinense.

A análise destes dados conduz a observação de que, apesar de todo o potencial de crescimento e desenvolvimento que apresenta o município, atualmente, quase não se percebe e/ou reconhece a sua identidade cultural, principalmente no que tange ao patrimônio edificado, o que evidencia a importância e necessidade de conhecer, compreender e analisar criticamente a produção do município com o intuito de resgatar a veia condutora da identidade cultural desta comunidade. Isso deveria ser a justificativa, o ponto fundamental e importante para o resguardo dos suportes da memória desta população, mas na realidade é o seu grande ponto de negação.

A partir disso, vê-se necessário um imediato trabalho de educação patrimonial nesta comunidade. Este na tentativa de apaziguar o passado e o presente sem comprometer as gerações futuras. Com isso entende-se possível à busca de soluções de salvaguarda e resguardo deste patrimônio, pois o tempo e o



Seminario de Arquitectura Latinoamericana

México, Oaxtepec Morelos



conhecimento permitem que os homens se organizem e construam seus espaços e histórias de acordo com seus interesses e necessidades e é isso que se quer preservar na paisagem da cidade de Chapecó-SC.



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Naiana. **Caracterização da produção arquitetônica da cidade de Chapecó.** Relatório de Pesquisa. Chapecó, 2004. 47 p.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002. 398p.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.
- CAMPOS, Índio. **Os Colonos do rio Uruguai:** relações entre pequena produção e Agroindústrias no Oeste Catarinense. Dissertação (Mestrado em História). Chapecó: Unoesc, 1987.
- CEJKA, Jan. **Tendências de la Arquitectura Contemporânea.** México: Ed. Gustavo Gili, 1995.
- FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987. 296 p.
- HASS, Mônica . **O Linchamento que muitos querem esquecer.** Chapecó: Argos, 2003. 184 p.
- HENK, Arlene . **Migrações: de ontem e de hoje.** Chapecó : Grifos, 199. 88 p
- HERMES, André. **Evolução Urbana da Cidade de Chapecó:** a compreensão da sua estrutura urbana. Relatório de Pesquisa. Chapecó, 2003. 54 p.
- KLUWE, Rafael. Impactos ambientais do processo de urbanização. In: ALBA R. S.; OTSUSCHI, C., ZIBORDI, A. F. G. **O ensino da geografia no novo milênio.** Chapecó: Argos, 2002, p. 171-203.
- LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989. 81 p.
- MARCON, Telmo. **Memória, História e Cultura.** Chapecó: Argos, 2003. 350 p.
- MEIRINHO, Jali : **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.** Florianópolis. Imprensa Universitária - UFSC.1982/83 Nº4.
- MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora/ IPHAN, 2000.
- MONTEZUMA, Roberto. **Arquitetura Brasil 500 anos:** uma invenção recíproca. Recife: UFP, 2002. 328p.
- PELUSO, Victor A. A evolução da cidade de Chapecó: de povoado a centro regional. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1982. p. 365 - 399.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro de Arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1987. 221 p.
- SEGAWA, Hugo. **Arquitetura no Brasil (1990-1990).**São Paulo: EDUSP, 1997. 224 p.
- SEGRE, Roberto. **Arquitetura Brasileira Contemporânea.** Petrópolis: Viana & Mosley, 2003. 206 p.



Seminario de Arquitectura Latinoamericana

México, Oaxtepec Morelos



VILLELA, Ana Laura Vianna.
Chapecó/sc: patrimônio construído
como meio de resgate cultural. In:

**Anais do 1º Fórum Brasileiro do
Patrimônio Cultural.** Belo Horizonte,
01 a 03 de dezembro de 2004.